

O absurdo de traduzir

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

O "mais que eu queria dizer" no artigo aqui publicado a 23 de janeiro, sobre, em volta e com traduções e parafrases dum poema de Dylan Thomas, e seria um comentário das dificuldades inerentes a qualquer tradução de poesia, não cabe, sem dúvida, em apenas mais um artigo. O que segue não são mais do que apontamentos a esmo, sobre matéria que "pode" implicar os mais complexos problemas do espírito. Quem o duvidar, leia, por exemplo, Heidegger, e todos os filósofos para os quais a linguagem é afinal, o proprio problema da filosofia.

A palavra é um terreno movediço. Cada dia se lhe descobre mais escaninhos. Veja, quem não quiser enveredar pelos asperos caminhos heideggerianos, a moderna estilística, aflita no seu afã de elucidar, e descobrindo sempre novas complexidades da linguagem, e do que nela e através dela se esconde ou se desvenda. A frase tão celebrada de Mallarmé a um pintor aspirante a poeta, explicando-lhe que os versos se fazem com palavras e não com idéias, já começa a ter perigosas consequências entre nós, tomada no sentido (de modo algum, como é obvio, nas intenções de Mallarmé) de os versos "não serem" feitos com idéias. O que Mallarmé explicava a Degas, era que as palavras são o instrumento imediato do poeta, mas sem querer dizer que elas não contêm idéias. O problema está no "como" de tal conteúdo, na maneira de as idéias estarem na poesia, sem lá serem "postas", que era o que Degas julgava legítimo e possível, ao que parece, nisso não se distinguindo de muitos poetas, e até de alguns ilustres. Estes, porém, quando o são, podem supor, sem perigo para a poesia, que nela põem idéias, porque o fato de serem poetas faz contra eles o milagre de lhes impedir tal coisa.

Ora, traduzir é o mesmo que criar. Ou antes, devia ser. Deve supor-se que o tradutor se mete na pele do poeta, e "repete" o feito de escrever um belo poema. Mas contra tal identificação surge o problema fundamental de o tradutor não se poder achar realmente em identidade de condições com o autor. Cada uma das virtudes fundamentais que se exigem ao tradutor se constitui em inimiga de todas as outras: a fidelidade torna-se inimiga da beleza, a expressividade das imagens torna-se inimiga da clareza (ou da obscuridade, conforme os casos), a métrica torna-se inimiga da beleza e da expressividade das imagens etc. etc. O tradutor não consegue nunca essa identificação sonhada, porque, nas suas mãos, o que era a unidade do poema se transforma em diversidade e contradição de elementos. A convergência de tudo quanto se torna "uma coisa só" no poema, surge perante o tradutor como divergência insanável de pedaços, como um puzzle em que nunca mais consegue acertar os fragmentos uns com os outros.

Por isso se admite que a mais "fiel" maneira de traduzir é... a infidelidade, isto é, a adaptação. Com o que não posso concordar de maneira nenhuma, já que, como algum fiel leitor porventura recorde, dou o meu inteiro apoio á idéia de enriquecer cada língua com as "propriedades" alheias, em vez de perder estas pela eliminação do que não é "proprio" da língua para a qual se traduz. E se há, na aparência, uma certa dureza, ou um ar estranho, até algo de canhestro, na tradução que, por fidelidade á língua da qual se traduz, procura amoldar-se á expressão do original, isso me parece antes, não só um enriquecimento, mas uma possibilidade de beleza — se o tradutor é um poeta.

Mas isto, podendo estar certo pelo que toca á língua, deixa de pé todos os outros problemas. Por exemplo, os versos são tanto mais intraduzíveis quanto mais belos. Aquele verso de Racine, que Brémond, creio, considerava o mais belo da poesia francesa (exagero, aliás), "La fille de Minos et de Pasiphaé", não apresenta a menor dificuldade aparente; um menino, nos bancos da escola, acharia uma brincadeira (e com razão, pois na escola não se pede poesia, mas sentido literal): "A filha de Minos e de Pasifáe". Se tem, até o mesmo numero de sílabas! Mas nem será necessario dizer que os dois versos nada têm de comum, musicalmente — e era musicalmente, é claro, que Brémond lhe via tal suprema beleza. Ora trata-se, não só dum verso isolado, mas dum verso que só sofreria, na tradução, perda de um dos valores essenciais. Consideremos agora qualquer verso em que seja inevitável sacrificar algum outro valor além do musical: "Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abime", (Baudelaire), não apresenta dificuldade de maior, mas é intraduzível, não só musicalmente, mas, digamos assim, estruturalmente; aqui, a expressão poetica, os valores foneticos, os ritmicos, e até a sintaxe, juntam-se para enlouquecer o pobre do tradutor. Suponhamos que traduzo "Vens do profundo céu ou do abismo saís", resulta um verso talvez bonito, mas não baudelaireano — e, note o leitor, até estou gostando da tradução, improvisada neste momento. Aliás, como no exemplo anterior, estou supondo que pudesse ter qualquer valor a tradução dum verso isolado, para tornar ainda mais evidente, pelas vantagens illusorias, que é impossível traduzir poesia, sem perder algum "elemento" essencial. No exemplo agora apresentado, o verso (bonitinho, realmente) é romantico, é sonoro "demais", embora tenha até, aparentemente, a mesma quantidade silabica (a qual

é, deve noiar-se, o menos importante elemento a atender). Mas ainda aqui parece possível uma "aproximação", reconheceremos todos. Mas que fazer com o maravilhoso "Dis-moi, ton coeur, parfois, s'envoie-t-il, Agathe", ainda de Baudelaire, como seria escusado lembrar? Que fazer com esta musica indizível, com esta sinfonia em que, só por si, já a fonética, a morfologia e a sintaxe se dão as mãos para, elas sozinhas, deterem o tradutor que tenha o atrevimento de avançar contra o seu inexpugnável arame farpado?

Que é, então, traduzir poesia? É travar uma batalha perdida, mas necessaria. Porque alguma coisa se salva, quando o tradutor pôs no seu trabalho mais do que um mero profissional empenho literal, que este, realmente, não salva nada, o que, felizmente, raramente sucede com a poesia, que tem a felicidade de raramente constituir atrativo para editores á caça de best-sellers. A tradução de poesia é uma luta sem vitoria, mas é uma luta necessaria, e triste é que tão pouco dela se traduza para a nossa lingua. Porque, embora o secreto encanto seja inacessível, o "mais" vale sempre a pena de ser tentativamente anexado, quando mais não seja como isca para leitores que, quem sabe, no pressentimento de uma grande descoberta, partam dessa comunicação incompleta para a conquista do original que lhes acena com o tesouro escondido.

Lembro-me de ter desistido de traduzir um poema de Supervielle por impossibilidade total de achar qualquer transposição admissível para o seu ultimo verso. Relendo-o (o original, não o esboço de tradução, do qual não sei que terá sido feito), não entendo como isso aconteceu: parece-me agora que a dificuldade está... no resto do poema. Isto quer dizer apenas que, lendo, não estou lutando com as dificuldades reais. Traduzir não é apreender em globo, é isso e mais resolver as pequeninas dificuldades: uma sílaba a mais ou a menos que, por si só, basta para desequilibrar uma estrofe inteira; a mudança de um acento que torna inutilizável a palavra que se diria mais indicada; a "historia" diferente de palavras da mesma raiz, que já não querem dizer o mesmo em francês e em português (por exemplo). No caso de Supervielle, a grande dificuldade está principalmente na sua extrema simplicidade, no extremo desnudamento dos seus poemas, que são, ao mesmo tempo, de linha nitida e de uma poetica aerea, feitos de palavras simples, mas para dizer coisas tão ricas de sentido que qualquer falta de tacto do tradutor as faria evolar-se. E vejo, de subito, que este poema não é senão o poema da morte do poeta, e que o meu escrupulo ao julgar-me incapaz de traduzir o ultimo verso viria da profunda gravidade dessa fronte do morto que está nua

"Como uma gran-	"Comme une gran-
de praça	de place
Vazia, entre dois	Vide, entre deux
exercitos".	l'armées".

E está vendo o leitor como, para não fugir á nitidez, á simplicidade das palavras, se cai (como fiz agora, só para fins "práticos" de exemplificação) em faltas contra a musica do verso, e até contra a mais elementar eufonia. Claro que o leitor, se não conhece o poema (Whisper in agony — outro problema: sendo o titulo em lingua estrangeira, deve o tradutor traduzi-lo?) não está na obrigação de adivinhar ser da maxima importancia manter as seis sílabas de cada verso.

... Tudo o que, como creio, seria inutil dizer, mostra que o comentario dos problemas da tradução de poesia não tem fim, pelo que aqui termino.